ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

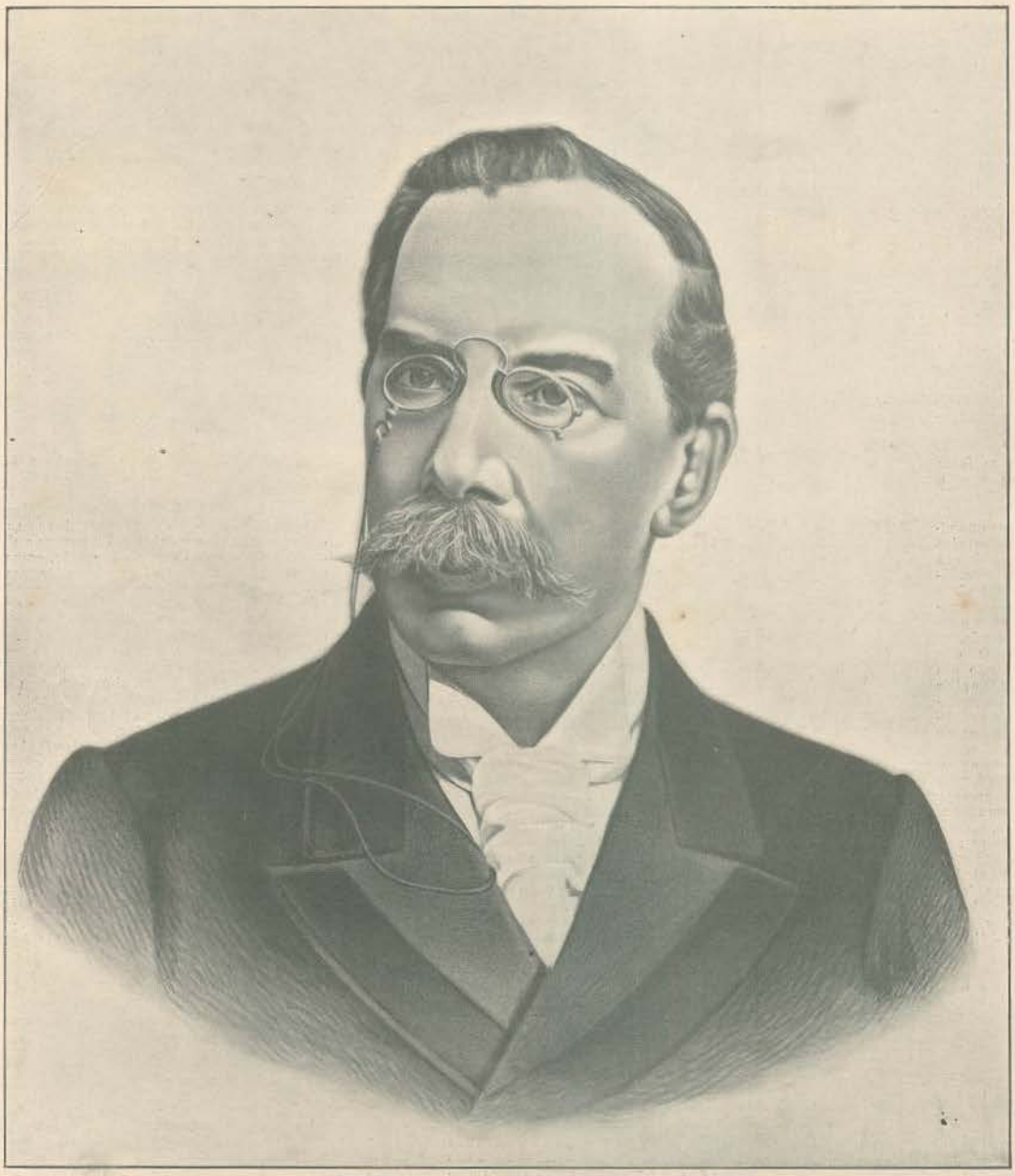
EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — *LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1904* | *NUMERO 23*



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

E' o illustre chefe do partido progressista um dos vultos que mais se impõem na politica portugueza, figura veneranda e prestigiosa que se destaca. A sua estrela nas hostes progressistas nos tempos em que a voz de Braancamp e d'outros parlamentares de cunho trovejava no parlamento, foi uma verdadeira revelação, e desde esse dia o conselheiro José Luciano de Castro foi conquistando nos seus logares passo a passo, mercê do seu enorme talento. D'uma inconcussa honestidade, bem entrosque á sua missão, tem conduzido o partido de que é chefe a todas as glorias, arruinando a saude no serviço da nação que o respeita. O illustre estadista é como uma reliquia gloriosa dos tempos dos grandes combates de politica portugueza, de que é hoje um dos seus mais grandiosos ornamentos.

CHRONICA

O reverso da medalha

Fez-se a matança grande e as primeiras corridas de touros: corre mau o tempo para os bois que se mostraram nos pratos, após os jejuns, feitos em bons bifes, e entraram nas arenas, após o inverno, furiosos e vingativos.

Na tarde de soalheira, em domingo de Paschoa, a cidade applaudiu os cozinheiros e a gente das touradas:

—Bravo, que bello bife! Ena, que bello curro! ..

Enrolam-se as opas das irmandades e os pendões symbolicos; os irmãos das confrarias repousam e o tradicional S. P. Q. R. da legenda passou a ser a lettra d'um *menu* patusco.

*

Já que se falou em carne vem a proposito lembrar aquella historia d'uns poetas que viviam n'uma trapeira da Baixa ainda não ha muitos annos. Elles estão ahi vivos para o dizerem e para recordarem o caso á gargalhada.

Foi n'um dia d'apertos: não era semana santa e elles jejuavam, increpando Apollo e a sociedade na pessoa do seu hospedeiro.

Eram tres os rapazes e dois foram, á aventura, arranjar uns cobres, emquanto o terceiro ficava em casa a contas com a inspiração e com o estomago.

Farto de passear no quarto atirou-se para cima da cama e pôz-se a pensar n'um bom naco de carne e na sua Arminda, n'aquella Arminda que todos os poetas teem e n'aquella carne que nem todos comem.

De repente batem á porta; em voz sumida, o triste pergunta:

—Quem é ?!

—E' o bife!

Maravilhado e ancioso, correu a abrir, teve um deslumbramento, sentiu uma Alleluia e uma Paschoa diante do gallego que lhe trazia o bife mais desejado do que a inspiração, enviou um pensamento terno aos companheiros e entrou a devorar a carne sem pão.

Dentro em pouco soam duas campainhadas, ergue-se na esperança d'outro acepipe mas ouve a voz grossa do moço bradar:

—Dê cá o bife. Não era para cá..

E viu-se a perros o rapaz para convencer o outro de que um poeta não pode restituir inteira, senão em alexandrinos, a posta de carne que uma vez lhe cahe ao alcance da mão e da dentuça.

*

Aquelle fazia livros e apropriava-se assim d'um bife, o francez que foi á bibliotheca de Mafra ia cheio de bifes e apropriava-se dos cancioneiros!

Toda a medalha tem o seu reverso e elle o viu agora ao evadir-se da sua cadeia.

Nostalgico de leituras, turbado o seu espirito como se turbava o estomago do poeta, o francez foi encontrado ao cabo de muito trabalho á sombra casta d'umas arvores, n'um recolhimento bucolico, encerrado na folhagem e tão escondido como se estivesse na torre de marfim, a recordar os versos do poeta:

Na formosura d'estas frescas serras!

Esperava talvez vêr sylphides e faunos surgindo do bosque, mas apenas topou cabos de policia, musculosos e de corações de pedra, aos quaes não poude convencer da necessidade d'um ideal que, á falta de cancioneiros, é preciso á sua vida: ah! o ideal, as avenas, os prados!

Elle não queria fugir, queria banhar-se na natureza que lhe avigora o espirito, agora que não lhe põem livros ao alcance da mão.. O poeta que comeu regaladamente o bife ainda poude convencer o moço mas o francez não soube convencer os cabos e lá foi de novo para a cadeia!..

*

De resto elle tinha razão: agora appetece tanto a vasta campina que chega a ser um crime encerrar alguem.

Toda a cidade presa durante uma semana nos seus muros abala ao domingo e vae perder-se na verdura, para voltar á noute com uma provisão de alegria.

E ninguem pensa na guerra que sobresaltou ao começo, nem no sr. Pequito que esqueceu depressa, nem no governo, nem na vida.

Ainda ha dias nos dizia um rapaz que para tudo acha um symbolo:

—O' menino . A vida é como o balão do *Ferramenta*, aquelle que subiu aos ares no Porto .. Era de panno cru o balão mas nem por isso deixou de voar como um de boa gutta percha... Já vês que todos podemos subir, isto é viver ao sabor dos fados... Não vale ralar...

*

Após a alegria das touradas, das anecdotas e da quietação, lá veiu um caso horroroso sobresaltar a cidade.

Trata-se d'uma morte mysteriosa de certa mulher n'uma barraca nas Janellas Verdes, falla-se d'um caso á Terrail com'homens desconhecidos' e com um cadaver roido pelos vermes e abandonado como n'um romance de sensação, como n'um folhetim d'esses que só se pódem lêr com dois policias ao lado: e isto na primavera, quando ha tanto sol e tanta alegria, tanta paz e tanto azul. Parece no emtanto que ainda é pouca a luz, pois não consegue penetrar em todos os corações...

E com o azul e com o sol veem as andorinhas e vem a Bartet — a divina — como uma d'essas lindas aves de gratidão a visitar-nos, a mostrar-se radiosa, como a incarnação suprema da arte, vem magnifica com os seus lindos olhos de suavidade e a sua voz d'encanto dar-nos a commoção e o arrebatamento ali no palco do theatro D. Amelia.

No D. Maria tercemos o apparecimento d'uma nova estrella, Palmyra Bastos, que entra no Normal com as honras devidas ao seu grande talento, que vae finalmente mostrar-se com todos os seus recursos na desoladora peça de Brieux.

Apesar de tudo já os emprezarios se queixam do bafo ardente d'esta primavera que rouba o publico 'do theatro e o leva para os bancos da Avenida 'a contemplar' não as estrellas das companhias mas as companhias de estrellas que formigam o ceu nas noutes calidas que já chegaram.

ROCHA MARTINS.

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—O MINISTERIO DA MARINHA EM TOKIO

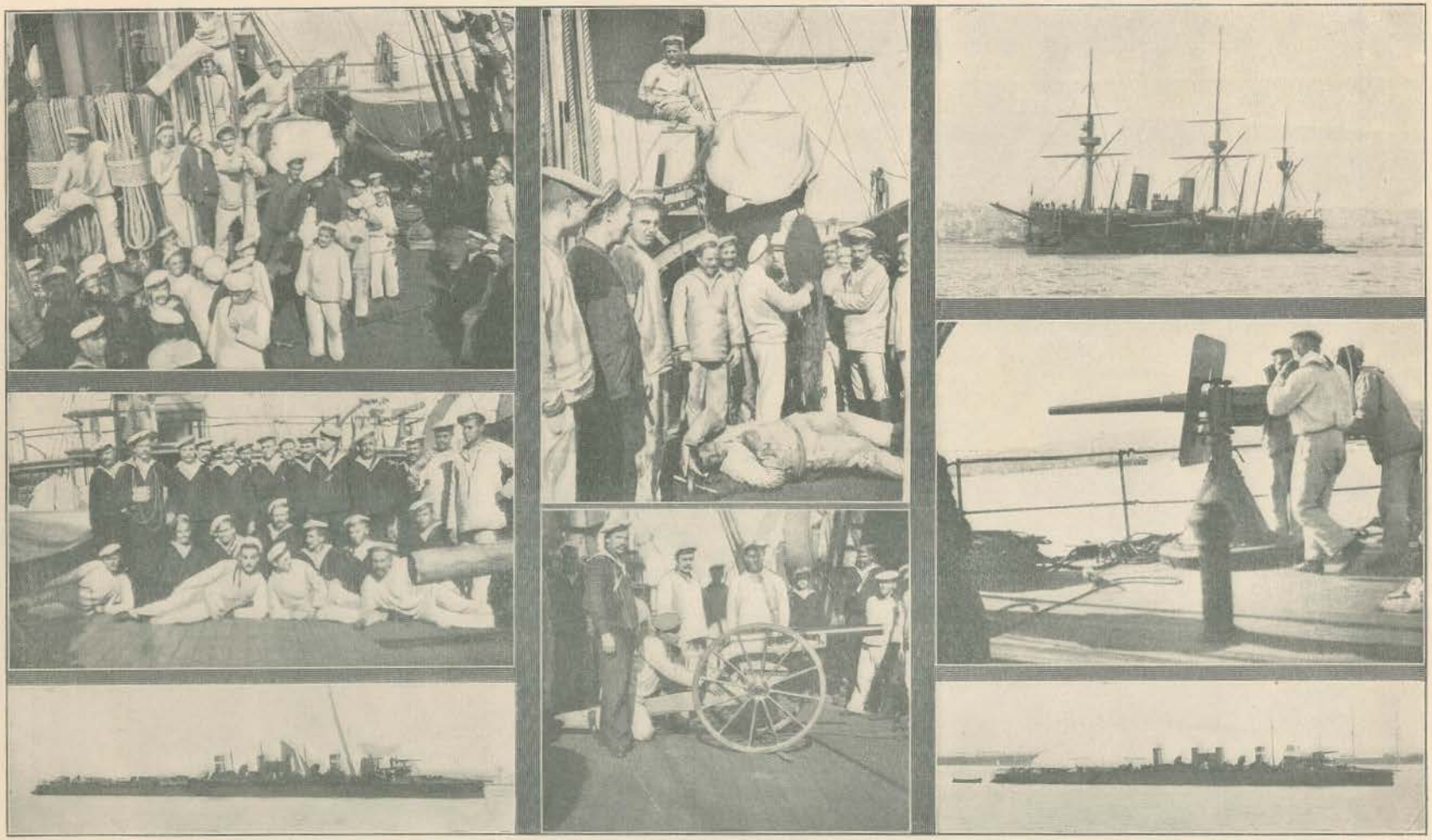
A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—O SENADO DE TOKIO

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—A LEGAÇÃO RUSSA

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—A CAMARA DOS DEPUTADOS EM TOKIO

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—O MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS EM TOKIO

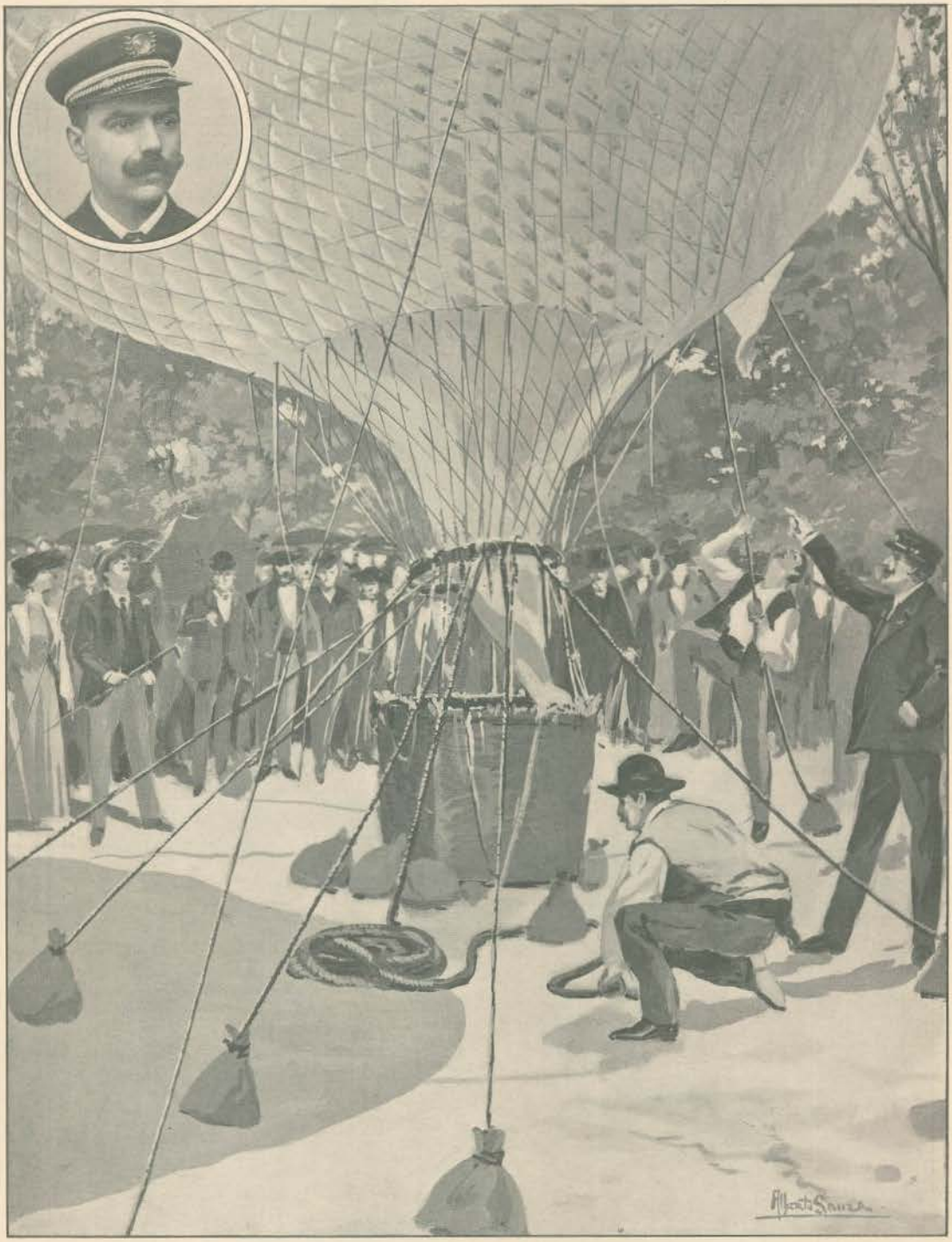
A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—O CLUB DE TOKIO



A DIVISÃO NAVAL RUSSA QUE PARTIU DO TEJO EM 5 DE MARÇO

UM GRUPO DE MARINHEIROS DO «BEDOVOY» — UM GRUPO DE MARINHEIROS DO CRUZADOR — O TORPEDEIRO «BEDOVOY» — PASSEIOS O «OCHIM» A BORDO DO «BODRY» — UMA MANOBRA DO «BODRY» — O CRUZADOR «DIMITRI DONSKOY» — ARTILHEIROS A BORDO DO CRUZADOR—O TORPEDEIRO «BODRY».

A divisão naval russa era do commando do capitão de mar e guerra Leonid Dobrolvorsky, os torpedeiros *Bodry* e *Bedovoy* eram commandados respectivamente pelos capitães de fragata V. Ivalanoff e V. Basaroff. Esteve no Tejo de 3 a 5 de abril e como o torpedeiro *Bedovoy* trouxesse a roda de proa bycada teve de ser concertado rapidamente por alguns operarios do nosso Arsenal. A divisão russa veiu de Argel com escala por Cadiz e parece que vae para o Japão a incorporar-se na esquadra de reserva. O *Dimitry Donskoy* é um cruzador couraçado de 5893 toneladas com 99 metros de comprimento, 16 de boca e 17,6 de pontal. As machinas teem a força de 6750 cavallos e imprimem um movimento-se maria de 17 milhas. O seu armamento é de 6 canhões de 6 pollegadas, 4 de 15 centimetros, 2 de 63 millimetros e 4 tubos lança-torpedos. E' tripulado por 551 homens. Os torpedeiros são do typo commum.



A ASCENSÃO DO BALÃO «PORTUGUEZ» DE ANTONIO BERNARDO (FERRAMENTA)—OS PREPARATIVOS DA SUBIDA *[Segundo um croquis]*

O balão do *Ferramenta*, como já é conhecido o *Portuguez*, subiu aos ares no Palacio de Crystal, em domingo de Paschoa, e todo o Porto ancioso e com a recordação ainda latente e viva do desastre do *Lusitano* viu o aeronauta no seu balão captivo e applaudiu-o enthusiasticamente. Já em sabbado d'Alleluia se devia realisar a ascensão, mas como o aerostato extravasasse gaz não poude subir.

Em domingo o aeronauta dirigiu-se ao sr. commissario Feijó, da policia do Porto, a pedir-lhe licença para fazer uma ascensão livre, o que lhe foi recusado. Porem, ao vêr-se a certa altura, o *Ferramenta* cortou a corda que captivava o balão e foi pelos ares por entre os applausos da multidão excitada e delirante, indo cahir em Gondomar.

De Lisboa dirigiram-se-lhe pedidos para vir aqui realisar uma subida e parece que o sr. Antonio Bernardo virá com effeito á capital, onde fará uma viagem aerea partindo do Jardim Zoologico, isto depois do aeronauta Magalhães Costa fazer uma ascensão no *Portuguez*. O balão é de panno cru e foi todo fabricado no Porto sob a direcção do aeronauta, que deu uma enorme prova d'arrojo ao elevar-se nos ares em semelhante aerostato.

A CERIMONIA DA ALLELUIA NA REAL CAPELLA DAS NECESSIDADES

A benção do lume começou ás 10 horas da manhã. O templosinho cheio de flores tinha uma obscuridade grave, evolava-se o incenso, os lumes rebrilhavam, lá ao fim n'uma galeria SS. MM. assistiam com suas altezas á cerimonia diante da côrte ajoelhada e magnificente. Os ecclesiasticos, brilhantes nas suas vestes, sahiram processionalmente da sacristia para a capella, indo á frente a caldeirinha, depois a serpentina, a salva com pinhas d'incenso, o thuribulo, a cruz e por fim os srs. conegos Costa, Souza, Leal de Sá e Pinheiro, rev. conego Almeida com o diacono rev. Castro.

Cantou-se o *Exultet*: subiam as vozes graves dos padres, vergavam-se as frontes em face do altar quando começaram as prophecias, benzendo-se então a fonte.

N'aquella atmosphera de paz e de recolhimento, a cerimonia continuava, ouviam-se sempre as vozes dos sacerdotes n'uma litania triste e ao cabo d'uma hora, abriam-se as cortinas, apparecia a Alleluia, n'uma hossana de luz, na gloria do sol que entrava radioso pelas janellas.

Repicaram festivos os sinos; o ouro, as sedas, os camarins dos santos, magnificos, sorgiram n'um deslumbramento de apotheose n'essa manhã em que o ritual chrisão celebra a Alleluia, symbolo dda luz, da victoria, do pasto a resurgir para a eterna gloria.

A festa foi, pois, encantadora, maravilhosa, com a côrte, com o cerimonial lithurgico, além na pequenina egreja do paço real.

(Segundo um desenho)

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA — A MARCHA DA ARTILHARIA JAPONEZA PARA A COREA

Dizem os telegrammas que os japonezes conduziam na Coréa a sua artilharia, que é numerosa e magnifica. Teem partido para Seul grande numero de canhões tirados por bellos e resistentes cavallos habituados ás correrias n'aquelles territorios. A artilharia japoneza é muito aperfeiçoada, não tendo a menor differença da usada na Europa, pois é fornecida pela mesma casa.

No mar teem mostrado o portentoso alcance dos seus canhões e a enorme certeza das suas pontarias, em terra ainda não tiveram occasião de manobrar, porém, deve esperar-se que sejam os mesmos os resultados, pois a educação do artilheiro japonez é de veras cautelosa. No parque militar de Tokio recebem a instrucção, e n'um polygono que fica a duas horas da cidade realisam as experiencias, isto além dos exercicios geraes que se effectuam todos os annos para o effectivo e para as reservas. Os officiaes teem o curso da Escola Superior da Guerra, que não é inferior ao da Europa e se baseia no methodo allemão, sendo, pois, quasi seguro o exito da bella artilharia que agora vae a caminho da Coréa por montes e valles.

JOSÉ BRUNO CARRERO
Auctor da peça

ARMANDO MARINHO DA CUNHA

MANUEL QUARESMA P. LIMPO DE LACERDA

ALVARO SERENO
Auctor dos versos da ballada

MIGUEL TRANCOSO
(No papel de *Candida*)

MIGUEL TRANCOSO

AUGUSTO V. DOS SANTOS JUNIOR
(No papel de *Margarida*)

ANTONIO VAHIA DE S. CARNEIRO
(Uma tricana da *Vespera de Feriado*)

CARLOS R. D'OLIVEIRA PINTO
(No papel de *Conceição*)

RUY ULRICH
(Presidente da commissão executiva)

ANTONIO CORREIA FONSECA

AFFONSO A. DE SEIXAS VIDAL

CARLOS R. D'OLIVEIRA PINTO
(A Conceição, na peça *Vespera de Feriado*)

ALBERTO MARQUES

FRANCISCO X. P. DE SANDE E CASTRO

ANTONIO J. M. DO LAGO CERQUEIRA
Delegado do 5.º anno de Philosophia

PEDRO DE MIRANDA
«O Esculapio» da peça A Ceia (parodia á *Ceia dos cardeaes* de Julio Dantas)

AUGUSTO J. QUEIROGA VALENTIM

OS QUINTANISTAS INTERPRETES DA PEÇA DE DESPEDIDA *UMA VESPERA DE FERIADO*, QUE SE REPRESENTOU EM COIMBRA E NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

Os estudantes que concluiram a sua formatura despediram-se da vida academica com as peças *Vespera de Feriado* e a *Ceia*, nas quaes corre a alegria, o enthusiasmo, a laracha descuidada, apanagio das gerações coimbrãs. Apresentaram-se ao publico no theatro de S. Carlos n'uma recita em beneficio da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* e recolheram á gosar as suas ultimas ferias, levando a saudade da vida descuidada que José Carrero marcou na sua peça *Vespera de Feriado*, n'uma bella *charge*, que é uma synthese do viver academico universitario.

S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA COM SS. AA. VISITANDO AS EGREJAS EM QUINTA FEIRA SANTA

A augusta senhora, pelas 5 horas da tarde, desceu de S. Roque para o Chiado para se dirigir á egreja dos Martyres. Acompanhavam S. M., além de SS. AA. RR., os dignitarios de serviço ao P
Izabel Ponte e os srs. conde da Ribeira e coronel Antonio Costa.
A pé, ao lado de seus augustos filhos, passando entre alas de povo que a sandava, S. M. sorria e dava um alto exemplo de humildade christã ao atravessar as ruas como uma simples senhora de

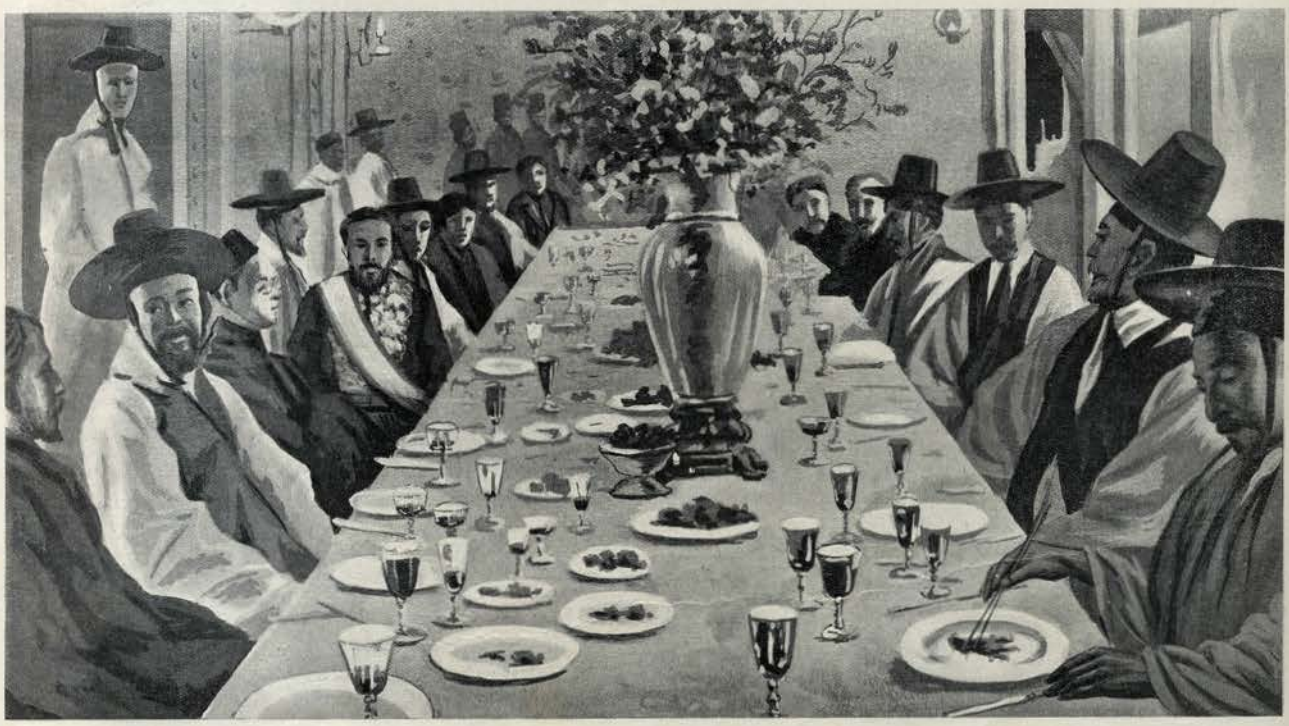
Visitou as egrejas de S. Roque, do Sacramento e dos Martyres, demorando-se em todas ellas algum tempo. Uma grande multidão seguia a soberana pelas ruas e as crianças approxi
mavam-se de SS. AA. que sorriam tambem. E na tarde linda, n'essa tarde de Endoenças, em que a devoção chamava o povo ás egrejas, era realmente bello vêr S. M. com seus filhos passar entre o
seu respeitoso para ir aos templos fazer as suas orações. Na egreja do Sacramento deixou S. M. uma esmola para a Associação Protectora das Crianças.
As carruagens aguardavam S. M. e Altezas no Largo do Barão de Quintella e d'ali partiram para o Real Paço das Necessidades proximo das 7 horas da noute.

UM TRECHO DA PROCISSÃO

A IMAGEM

A PROCISSÃO DOS PASSOS EM BRAGANÇA NO DOMINGO DE RAMOS

A imagem vestiu pela primeira vez a tunica que foi offerecida pelo sr. Diogo Alberto Rodrigues, que reside no Brazil, e poz o resplendor de prata que foi offerecido pelo sr. Francisco Ignacio Teixeira. O cortejo era imponente, e n'elle se incorporaram as irmandades da Misericordia e dos Terceiros e as confrarias das Almas, Santa Clara e S. Vicente, além do seminario diocesano. O sermão do pretorio foi prega.o pelo rev. conego Oliveira e conduziu o Santo Lenho s. ex.ª reverendissima D. José Alves de Moniz, prelado da diocese. Das aldeias visinhas de Bragança veiu grande numero de forasteiros.



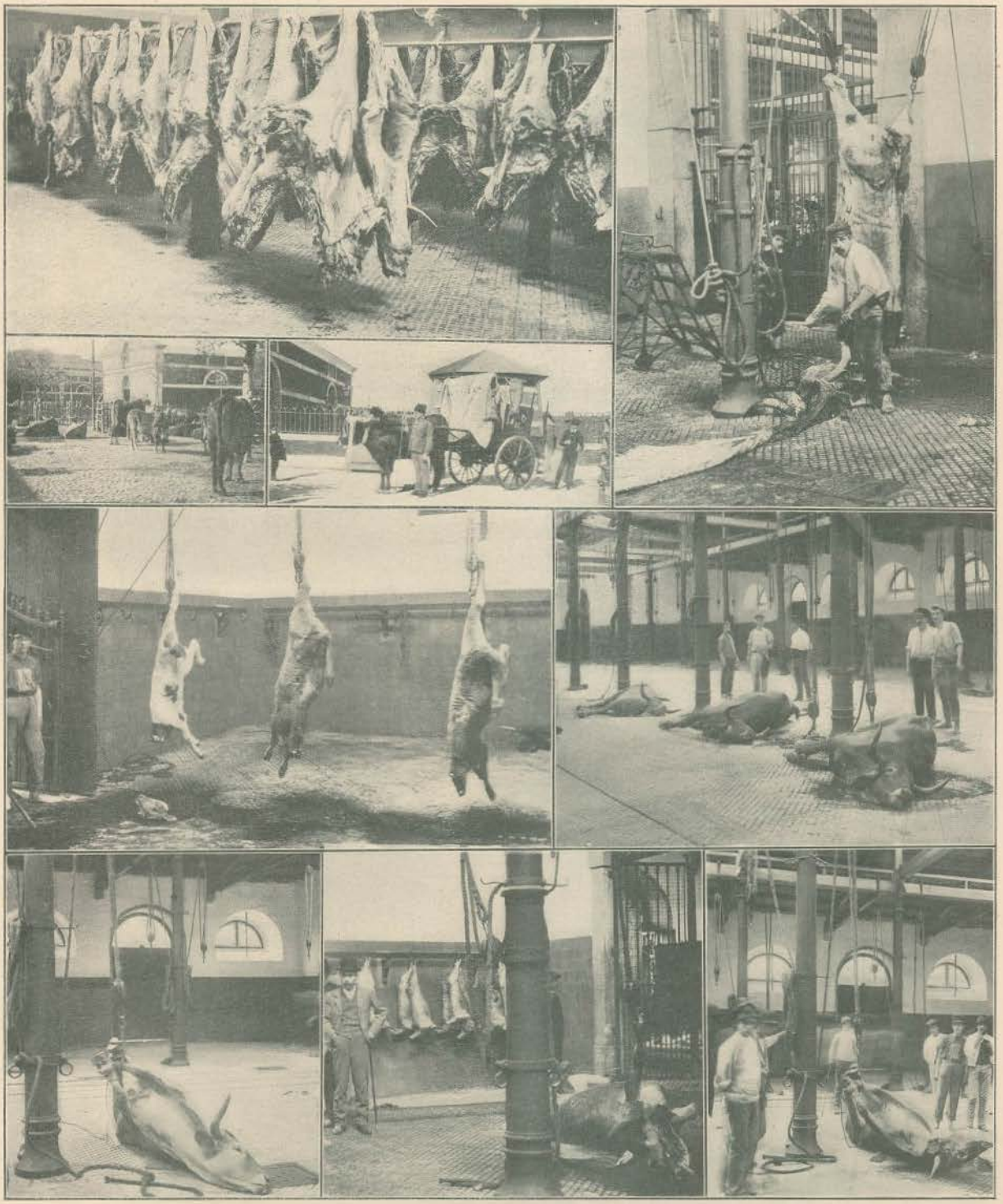
O JANTAR DIPLOMATICO OFFERECIDO NO MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS NA CORÉA AO MARQUEZ ITO, EMBAIXADOR DO JAPÃO

(Segundo um desenho)

O marquez Ito, discursando por occasião do jantar que lhe foi offerecido pelos elementos preponderantes coreanos, traçou as linhas da historia do Japão, mostrando como essa potencia se salvara ao civilisar-se e incitou ao mesmo tempo egual reforma na Coréa. Concluiu a sua allocução pelas seguintes palavras que fizeram grande sensação nos meios politicos da Europa:

«Ao offerecermos aos coreanos a experiencia japoneza trabalhamos desinteressadamente pelos progressos da Coréa. Se os coreanos acceitarem este offerecimento, será o modo de poderem conservar a sua independencia que, d'outro modo, se veria absorvida por um dos dois imperios que se acham directamente interessados na lucta travada em territorio coreano.»

O marquez Ito partiu para Tokio, tendo uma affectuosa despedida e promeditando voltar breve ao seu posto de embaixador do Japão em Seul, na companhia do Mikado.



A MATANÇA GRANDE EM SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO NO MATADOURO MUNICIPAL DE LISBOA

O DEPOSITO DA CARNE—A ESFOLA—O PATEO DO GADO—A CARROÇA DOS TRANSPORTES—AS VITELLAS PARA A COLONIA ISRAELITA—DEPOIS DA ESTOCADA—O IÇAR DA REZ EM VIDA—UM DEPOSITO DAS CARNES BRANCAS—A DEGOLA

A matança grande realisa-se sempre em sexta-feira de Paixão, para que na Paschoa estejam bem fornecidos os talhos. Primeiro o jejum, depois a abundancia. Foram abatidos este anno 144 bois, 106 vitellos, 200 carneiros e 224 porcos, começando os trabalhos pela madrugada e acabando perto das 2 da tarde.

Nas magnificas installações do Matadouro Municipal havia uma verdadeira faina, os empregados andavam açodados, corria o sangue a jorros e as carnes vermelhas, as peles ensanguentadas, pendiam dos ganchos de ferro, emquanto d'outros se faziam os trabalhos d'abertura e de esfola.

Outro gado esperava no pateo a sua vez e os animaes iam successivamente do pateo para a casa onde são abatidos, depois passavam a ser desmanchados, limpos e pesados, até que ficavam armazenados.

Em segunda-feira, depois da Paschoa, realisou-se a matança das rezes destinadas á colonia israelita, a qual é feita d'uma fórma particular.

O JANTAR AOS PRESOS DO LIMOEIRO EM DOMINGO DE PASCHOA

O CARREGAMENTO DAS CARROÇAS NA PORTARIA DA IRMANDADE DE S. FRANCISCO DA CIDADE

Este nome de S. Francisco da Cidade tem ligadas muitas tradições. Os monges da ordem viviam ali no convento fronteiro ao Tejo pelos tempos do rei Dinis, convento que ficava no alto sobre uns penhascos e onde é hoje a Bibliotheca Publica. Havia já no tempo de D. Duarte o uso dos soccorros aos encarcerados, e a bandeira da confraria, assim como a da Misericordia, cahindo sobre um condemnado salvava-o das justiças. Pelos tempos fora reis e fidalgos filiaram-se na ordem que tomou como symbolo a humildade, quando os príncipes preferiam a Companhia de Jesus e dominicana.

Acabaram os frades e o caldo das portarias, ficaram as irmandades das differentes ordens das quaes a mais importante é a Ordem Terceira de S. Francisco, essa que todos os annos pela Paschoa vae levar aos presos um rancho melhorado.

Este anno o cortejo partiu, como nos anteriores, do edificio da irmandade, na Rua Serpa Pinto, a á frente irmãos d'opas vestidas seguravam alcofas onde recolhiam as esmolas destinadas aos encarcerados, depois seguiam os sacerdotes e por fim as carroças d'artilharia n.º 4, enfeitadas de verdura, e nas quaes iam as caldeiras com o rancho dos encarcerados no Limoeiro e no Aljube.

A ACTRIZ PALMYRA BASTOS

Vae agora debutar no theatro normal a actriz que desde ha muito ali devia reinar. E' uma bella artista d'intuição que o estudo tem aperfeiçoado. Na opereta era por vezes d'uma correcção extrema, apresentava-se d'uma maneira que encantava e que a definia. Ao entrar em scena via-se logo que estava ali alguem cuja personalidade não se podia confundir. Na *Ord Duqueza*, Palmyra Bastos soube achar verdadeiras particularidades interessantes e que marcavam o typo d'um cunho que mais nenhuma actriz lhe dera até então.

A distincta artista entra pois no D. Maria, devendo fazer a sua estreia no proximo dia 17, sendo de esperar do seu bello talento que marque definitivamente o seu logar no genero em que se vae dedicar. Representa-se a peça de Brieux *Le Berceau*, traduzida com o titulo de *Filhos alheios*.

D. JOÃO DA CAMARA

E' um actor querido, um poeta de sentimento que arrebata, apaixona e commove. E' um bom e é um modesto no meio da sua grandeza. Só elle, entre os dramalargos portuguezes, poderia ter transplantado para a scena esse romance de dôres, de martyrios e de angustias que se chama *Amôr de Perdição*, esse grito d'um gigante esclamorado e que por amor soffria como o seu heroe e seu parente. Se não tivesse já uma enorme obra dramatica, D. João da Camara com esse trabalho de agora, o *Amôr de Perdição*, teria conquistado o seu logar. O publico e todos nós assim o entendemos e por isso na noute da sua festa, no theatro de D. Maria II, recebeu fartos applausos e a consagração de ha muito devida ao illustre autor de *Affonso VI*, do *Alcacer Kibir*, da *Triste Viuvinha*, do *Paz-Jano* e muitas outras obras applaudidas como monumentos do theatro portuguez.

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—VISTA GERAL DE SEUL

Seul é a capital da Corêa, tem 190000 habitantes e fica na margem do rio Hun-Kiang que se perde no Mar Amarello.

A SCENA FINAL DO ULTIMO ACTO DA PEÇA *CÃO DO REGIMENTO* QUE SE REPRESENTA NO THEATRO DA TRINDADE

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Disse eu então que não precisavamos absolutamente de guarda nenhum. Se um vagabundo phantastico podia proteger de todo o mal oito christãos armados e um magote de servos arabes, com certeza que toda esta gente se podia proteger a si propria. Elle abanou a cabeça em signal de duvida. Então disse eu: Não sei o que isto me parece—pensae no que se diria de americanos, que teem confiança em si, atravessarem humilhados este arido deserto sob a protecção d'um arabe mascarado, que fóra d'aqui ficaria com a cabeça quebrada, se jámais um homem, que fosse um homem, corresse atraz d'elle. Era uma situação baixa, degradante. Para que nos disseram que trouxessemos comnosco revolvers de marinha, se afinal tinhamos de ser protegidos por esta infame e pintalgada escoria do deserto? Foram baldadas estas exclamações — o drogman apenas sorriu e meneiou a cabeça.

Dirigi-me para a frente e, entrando em communicação com o «rei Salomão em toda a sua gloria,» levei-o a mostrar-me a eternidade da sua arma. Tinha fechos de pederneira cobertos de ferrugem, com anéis, laminas e chapas de prata, de um extremo a outro, e estava desesperadamente fóra da verticalidade como os tacos de do jogo do bilhar, que ainda se encontram em serviço nas antigas regiões mineiras da California. A bóca do cano, carcomido pela ferrugem de seculos, convertera-se em pura filigrana. Fechei um dos olhos e olhei para dentro — tudo era ferrugem, como n'uma velha caldeira de um vapor. Peguei nas pesadas pistolas e sacudi-as. Tambem tinham ferrugem por dentro — não haviam sido carregadas durante uma geração. Tornei atraz, cheio de animo, contei tudo ao guia, e pedi-lhe que descarregasse aquella desmantellada fortaleza. Abriu-se então. O tal personagem era um guarda do sheik de Tiberiades. Constituia uma fonte de receita do governo. Era para o imperio de Tiberiades o que as alfandegas são para a America. O sheik impunha guardas aos viajantes e tributava-os por isso. E' uma causa lucrativa de emolumentos, e algumas vezes produz para o thesouro nacional côrca de trinta e cinco dollars por anno.

Sabia agora o segredo do guerreiro: conhecia a óca vaidade d'esta buria oxidada, e desprezei a sua complacencia asnatica. Falei a respeito d'elle, e com impavida ousadia a cavalgada avançou para as solidões perigosas do deserto, zombando dos avisos pavorosos que elle fazia de matilação e de morte, que choviam de todos os lados sobre os peregrinos.

Chegados a uma elevação de mil e duzentos pés acima do lago (devo mencionar que o lago fica a seiscentos pés abaixo do nivel do Mediterraneo — este pormenor nunca esquece a nenhum viajante nas suas cartas), desenrolou-se á nossa vista um panorama tão escalvado e desconsolador, como ha, talvez, por toda a parte. Todavia, estava tão sobrecarregado de interesse historico que, se todas as paginas, que se tem escripto a tal respeito, fossem espalhadas sobre a sua superficie, de certo que o cobririam de uma a outra extremidade. Entre os logares comprehendidos n'esse panorama havia os montes que cercam Cesaria Philippi, Dan, as fontes do Jordão e as Aguas de Merom, Tiberiades, o mar da Galiléa, a cisterna de José, Capharnaum, Bethsayda, os sitios respectivos ao sermão da montanha e ao milagre dos peixes, o declive pelo qual rolou o suino para o mar, a entrada e o exodo do Jordão, Safed, «a cidade assentada sobre um monte», uma das quatro cidades santas dos judeus, e o logar em que elles acreditam que ha de apparecer o verdadeiro Messias, que ha de vir remir o mundo, parte do campo de batalha de Hattin, onde os cavalleirosos cruzados pelejaram a sua ultima batalha, e, perpassando n'um clarão de gloria, acabaram para sempre a sua carreira esplendida, o monte Tabor, o logar tradicional da transfiguração do Senhor. E para sudoeste ha uma paizagem que me suggeriu ao espirito uma citação (sem duvida, imperfeitamente lembrada):

«Os ephraimitas, não tendo sido chamados a participar dos ricos despojos da guerra dos ammonitas, reuniram um poderoso exercito para se baterem contra Japhete, juiz de Israel, que, sendo avisado da sua approximação, chamou os homens de Israel, deu batalha aos ammonitas e pô-los em fuga. Para mais se assegurar da victoria collocou sentinellas nos differentes vãos e passagens do Jordão, com instrucções para não deixarem passar ninguem que não pudesse dizer Shibboleth. Por serem de tribu differente, os ephraimitas não puderam chegar a pronunciar bem a palavra, mas diziam Sibboleth, o que mostrava que eram inimigos, e lhes custou a vida: pelo que quarenta e dois mil cahiram nos differentes vãos e passagens do Jordão n'esse dia.»

Abalámos em paz pela grande estrada de caravanas de Damasco para Jerusalem e Egypto, para lá de Lubia e de outras aldeias da Syria, empoleiradas, segundo o costume invariavel, na cumieira de alcantilados montes e outeiros, e rodeadas em toda a volta por cactos gigantescos (signal de ruim terra), pêras cheias de espinhos como presuntos, e chegámos finalmente ao campo da batalha do Hattin.

E' uma grande planura irregular, e parece mesmo ter sido feita para um campo de batalha. Foi aqui que ha seis seculos o incomparavel Saladino encontrou o exercito dos christãos, o destruiu para todo o sempre o poder d'elles na Palestina. Tinha havido uma tregua pro-

longada entre as forças contrarias, mas, conforme o *Guia dos viajantes*, Reinaldo de Chatillon, senhor de Kerak, rompeu saqueando uma caravana de Damasco, e recusando-se a entregar quer os mercadores quer as suas fazendas, quando Saladino as pediu. Este procedeu de um pequeno chefe militar insolente feriu ao vivo o sultão, e jurou que mataria Reinaldo por suas proprias mãos, fosse como fosse, onde e quando fosse. Ambos os exercitos se prepararam para combater. A flor da cavallaria christã estava sob o commando do fraco rei de Jerusalem, que loucamente a impellira a supportar uma longa marcha extenuante, á torreira do sol, e então sem agua nem qualquer outro refresco, os mandou acampar n'essa rasa campanha. Os esquadrões magnificos dos soldados mahometanos irromperam pela extremidade norte do lago de Genezareth, queimando e destruindo á medida que se approximavam, e assentaram os seus arraiaes em frente das linhas inimigas. Ao alvorecer da manhã principiou a lucta temerosa. Cercados de todos os lados pelos immensos batalhões do sultão, os cavalleiros christãos bateram-se sem esperança de salvar a vida. Pelejaram com valor desesperado, mas para nenhum resultado; tinham muito contra si o excesso do calor e do numero, e a sêde devoradora. Por volta do meio dia os mais bravos dos seus abriram caminho atravez das fileiras musulmanas, e chegaram ao cume de um outeiro; ali, então, durante horas, estiveram reunidos em torno do estandarte da Cruz, e repelliram as cargas dos esquadrões inimigos.

Mas a sentença de poder christão estava dada. Quando o sol desappareceu no horisonte, Saladino era senhor da Palestina, a cavallaria christã juncava o campo aos montões, e o rei de Jerusalem, grão mestre dos templarios, e Reinaldo de Chatillon estavam captivos na tenda do sultão. Saladino tratou dois dos prisioneiros com principesca cortezia, e mandou dar-lhes refrescos. Quando o rei offereceu uma limonada gelada a Chatillon, o sultão disse:—E's tu que lh'a dás, eu não.—Recordou-se do seu juramento, e assassinou elle proprio o desventurado cavalleiro de Chatillon.

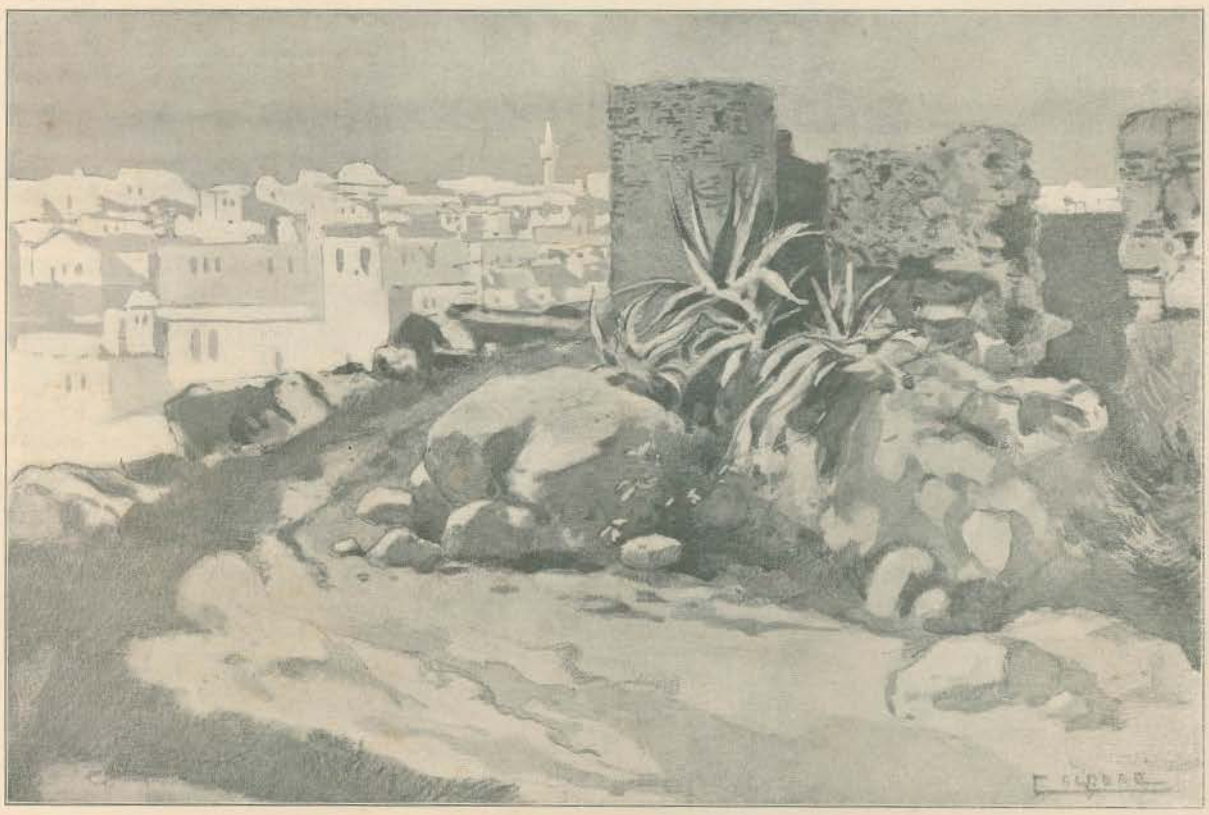
Era difficil de conceber que esta muda planicie resoasse outr'ora com musica marcial e tremesse com os passos de homens armados. Custava a povoar esta solidão de impetuosas columnas de cavallaria, e sacudir o seu entorpecimento com o clamor dos vencedores, os gritos dos feridos, e o fulgurar da bandeira e do aço sobre o encapellar dos vagalhões da guerra.

Alcançámos o Tabor a são e salvo, e com grande avanço ao velho tratante couraçado do guarda. Não encontrámos alma viva em todo o caminho, ainda menos bandos de salteadores beduinos. O Tabor está desamparado e solitario, sentinella gigante da planicie de Esdrelon. Ergue-se a uns quatrocentos pés acima do nivel circumjacente, verde cone arborizado, symetrico e cheio de graça — marco proeminente, que é em extremo agradavel a olhos enfastiados da repellente monotonia da deserta Syria. Trepámos a ingreme via até ao cume, atravez das ventosas clareiras entremeadas de espinheiros e carvalhos. A vista que se descobria do seu mais alto pico era quasi bella. Em baixo, a larga planicie de Esdrelon marchetada de campos como um taboleiro de xadrez, salpicada nas suas extremidades com aldeias brancas e compactas, frouxamente riscadas, ao longe e ao perto, com as linhas curvas de estradas e atalhos. Quando na primavera estiver coberta de viçosa verdura, deve formar, até só por si, um quadro encantador. Na orla do seu extremo sul ergue-se o «pequeno Hermon», de cujo cume se avista um pedaço de Gilboe. Vê-se Nain, celebre pelo despertar do filho da viuva, e Endor, egualmente afamado pelas nigromancias da sua feiticeira. Para leste está o valle de Jordão e para alem d'elle as montanhas de Gilead. Para oeste o monte do Carmo. Hermon fica ao norte — os planaltos de Basan — Safed, a cidade santa, a branquear sobre um alto ponto dos montes do Libano — uma nesga azul como aço do mar da Galiléa — Hattin, do feitio de uma sella — o monte tradicional das bemaventuranças e muda testemunha da derradeira brava pelija do exercito dos cruzados pela santa cruz — compõem o quadro.

Aperceber as feições salientes d'esta paizagem atravez da grade pittoresca de uma arruinada janella em arco do tempo de Christo, que escondo aos nossos olhos tudo o que não tem attractivos, é assegurar-nos d'um prazer para gosar o qual vale a pena trepar a montanha. E' mister estar senhor de si para colher o melhor effeito á hora de um bello pôr do sol, o apanhar uma paizagem n'um arrojado e forte gradeamento, que está muito proximo, para fazer valer toda a sua belleza. Apprende-se esta ultima verdade, para nunca mais esquecer, n'essa encantadora terra, o jardim admiravel do conde Pallavicini em Genova. Vagueies durante horas entre outeiros e encostas arborizadas, artisticamente dispostas para deixarem a impressão de que a natureza e não o homem os formou; percorreis caminhos tortuosos e chegaes defronte de cascatas saltitantes e rusticas pontes; topaes lagos toscos onde os não esperaveis; erraes atravez de castellos medievaes em miniatura, que parecem muito velhos, por effeito do tempo, e, todavia, foram construidos ha dozo annos apenas; meditaes sobre tumulos antigos, que estão a desmoronar-se, e cujas columnas de marmore foram deterioradas e partidas pelo moderno artista que as fez; cahis de improviso sobre palacios pequeninos, feitos de raros e custosos materiaes, e ainda sobre a choupana de um camponez, cujo mobiliario despedaçado nunca poderia levar o pensamento a crer que foi mandado fazer d'aquelle modo; correis a toda a brida, de roda e de roda, entre uma floresta, n'um encantado cavallo de pau, que é impellido por uma força invisivel; atravessaes estradas romanas e passaes por baixo de majestosos arcos triumphaes; reposaes em formosos caramanchões por todos os lados onde espiritos invisiveis descarregam sobre vos jactos de agua, e onde até as flores em que tocaes vos despedem um chuveiro; andaes embarcado n'um lago subterraneo entre cavernas e arcos soberbamente revestidos de stalactites empilhadas, e sahis, á claridade do dia, para outro lago rodeado de margens em declive cobertas de relva, a que dão animação escaleres que vão fumiear á sombra de um templo de marmore em ponto pequeno, que se levanta da agua clara, e reflecte nas suas aguas tranquillas as brancas estatuas, os ricos capiteis e as columnas estriadas. Assim tendes ido, de maravilha em maravilha, pensando durante todo o tempo que a ultima que vistes devia ser a maior. Mas, na verdade, a maior de todas está reservada para o fim, e não a vêdes, sem primeiro ter posto o pé em terra e, atravessando uma immensidade de flores raras de todos os pontos da terra, parar á porta de mais uma imitação de templo. Exactamente n'este sitio o artista sublimou o seu genio ao maximo, e abriu galhardamente as portas do mundo da phantasia. Daes com um simples vidro de janella, pintado de amarello; a primeira cousa que se vê é um montão de buliçosa folhagem, a dez curtos passos adeante de vós, no meio da qual ha uma arruinada abertura semelhante a um portal—cousa bastante vulgar na natureza, e que não é propria para excitar suspeitas do um profundo designio humano—e acima do fundo do portal se projectam, do modo mais descuidado, algumas folhas largas de plantas tropicaes e brilhantes flores. Eis que de repente, atravez d'esse esplendido portal, relanceaes a vista pelo quadro mais phantastico, mais suave e mais opulento que jámais adornou o sonhar de um santo moribundo, desde que S. João viu a nova Jerusalem entrebrilhar por sobre as nuvens do céo. Uma grande extensão de mar, onde brilham as vélas; um ingreme cabo, que avança pelo mar dentro, com um alto pharol em cima; por detraz um terreno em declive; além, uma parte da velha «cidade de palacios» com seus parques e outeiros e majestosos alojamentos; para lá d'elles uma montanha prodigiosa com os seus pronunciados contornos recortados com vigor no oceano e no céo; e, por cima de tudo soltos pedaços e farrapos de nuvens, a fluctuarem n'um mar de ouro.

FOLHETIM N.º 22

(Continúa).



O PEIXE FRADE PESCADO EM OLHÃO PELA CAMPANHA DA ARMAÇÃO S. BOAVENTURA E QUE MEDE 9,25 DE COMPRIDO POR 6 METROS DE LARGO (CLASSIFICADO POR S. M. EL-REI)

MARIA ROAL
A VICTIMA

JOSE TAVARES PINHEIRO
O CRIMINOSO

O CRIME DA TRAVESSA JOÃO DE DEUS

Fez sensação este crime. O cadaver apodrece em casa emquanto o criminoso, rolo de desespero, pensava no suicidio e corria a cidade sem coragem para tal acto. Finalmente preso e tendo confessado tudo, lamentando a sua acção, receando vêr o cadaver, vae dar contas á justiça. O drama é lugubre, sombrio, avessa degenerescencias e mais um homem se annulla pela tara que vive na sua pessoa e que bem se mostra na sua physionomia.

CONSELHEIRO TAIBNER DE MORAES
Fallecido em 2 de abril

O PROFESSOR JOSÉ SIMÕES LOPES
Fallecido em 4 de abril

DR. ANTONIO D'OLIVEIRA DIAS
Fallecido em 26 de março

CHRONICA ELEGANTE

Passou a semana santa, o periodo commemorativo do sacrosanto martyrio, e os trajes negros, symbolos de tristeza, de paixão e de recolhimento, cedem agora francamente o logar ás mimosas e frescas *toilettes* de primavera, tão anciosamente desejadas e gostosamente preparadas.

Por emquanto os feitios de vestidos, casacos e *manteaux* não apresentam grandes novidades. Uma ou outra modificação vae apparecendo, mas de pouca importancia. Entre estas parece surgir uma tendencia para o *châle*, sem todavia chegar ainda ao classico chale manta de que as nossas mães se recordam saudosamente.

O *châle* moderno é uma variante do mantelete, assaz commodo para cobrir promptamente os hombros no passeio de carruagem; faz-se de seda e a forma é de bico muito comprida atraz e longas pontas tambem agudas adeante. E' guarnecido de larga renda, franja ou folhos.

FIGURA 1

Outro accessorio, d'antes muito secundario e que está merecendo especial attenção, é o vêu. Temos visto varias maneiras de o exhibir e é nossa missão dar conta do que apparece, abstendo-nos de commentarios. Ha o vêu á americana, pendente em volta do chapéu, que já se usava o anno passado e parece agora querer vulgarisar-se. Como preservativo da poeira e do vento não o julgamos muito efficaz, attenta a sua mobilidade que o faz agitar e erguer á mais leve brisa.

Resta ainda para as pessoas nervosas o *attractivo* do o vêr constantemente buliçoso adeante da vista.

FIGURA 2

Temos tambem o vêu *drapé*, que é muito elegante quando seja collocado com graça e de fórma a poder baixal-o e levantal-o á vontade, e ha finalmente o grande vêu *drapé* o cahido atraz até á cintura, sem encobrir o rosto e de effeito puramente decorativo. Este ultimo offerece a occasião de patentear riquissimas *toilettes* e mantilhas de preciosas rendas que ha longos tempos estariam arrecadadas.

Naturalmente comprehende-se que só n'estas circumstancias de grande sumptuosidade e para cerimonia ou passeio de carruagem é que se ostentam taes preciosidades, que nenhuma pessoa de bom gosto apresentará na rua, a pé.

E' curioso que á medida que vão augmentando os véus dos chapéus diminuem os dos trajos de noiva. Algumas *toilettes* nupciaes ultra modernas vão acabando quasi com o grande vêu tão symbolico e vaporoso, que envolvia da forma mais suggestiva a figura toda. O vêu moderno é um simples appendice pendente do penteado, deixando a descoberto o vestido sumptuoso o de apparencia theatral.

FIG. 1—*Toilette* de passeio em *tweed* com bordados a *soutache*; chapeu de palha com vêu á *americana*.

FIG. 2—Chapeu elegante em *tulle*, larga *écharpe* de renda *drapée*; *pouff* de plumas e *aigrette*.

FIG. 3—*Toilette* de noiva, em *mousseline* de seda branca, com seguinda saia, *bolero*, e mangas de *crêpe de Chine*, bordados a seda, froco e pérolas, corôa de *clematites* e vêu de *mousseline* de seda cahido atraz.

FIGURA 3